

# BALAIO CULTURAL

Nº 1 - dezembro / 2018

## ENTREVISTA

HIPOLITO LUCENA

*“Sempre tive uma tendência de gostar dessas coisas mais próximas da arte e da cultura popular”*

## AGROCULTURA

Alimentos saudáveis na Rainha da Borborema

## FAZENDO O BEM.

Projeto social ajuda crianças carentes da Feira Central

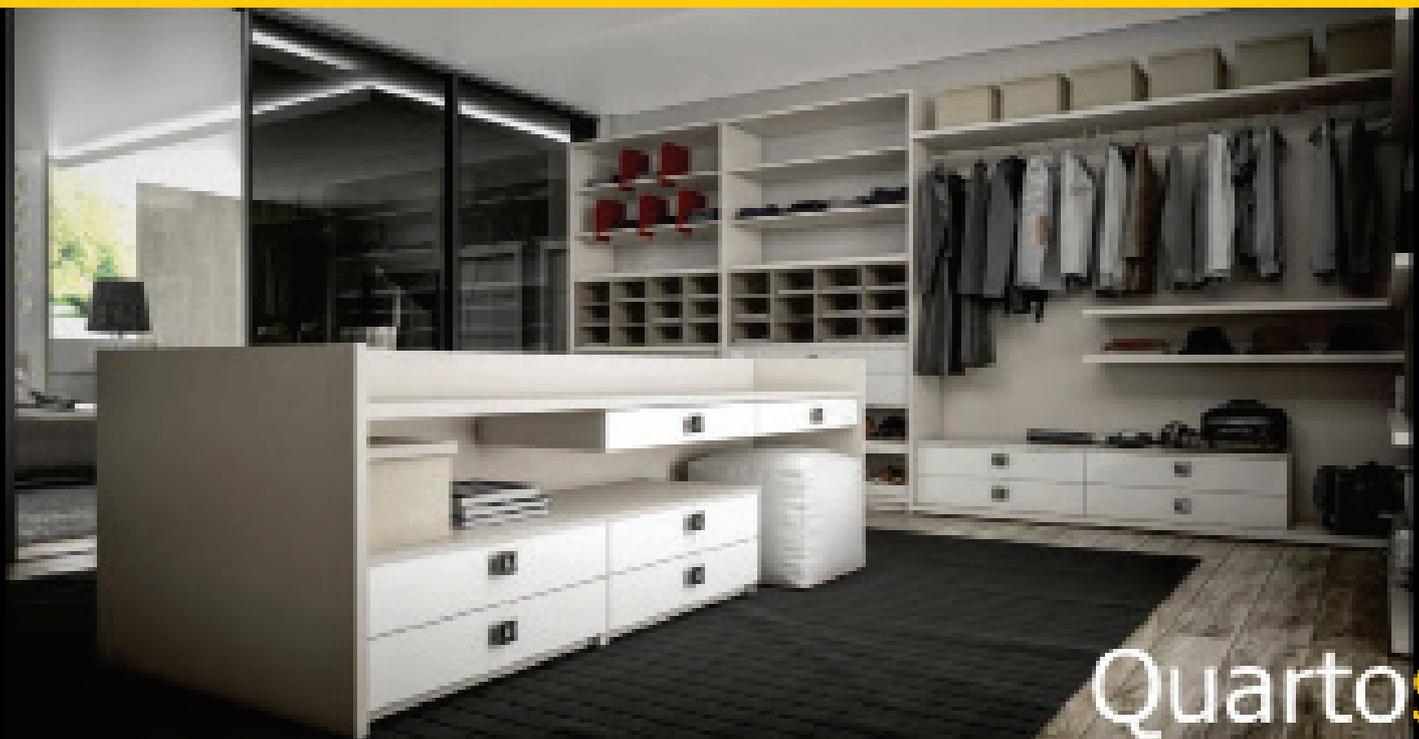
# Um passeio pela história da maior festa do Nordeste

O Maior São João do Mundo, em Campina Grande, possibilitam uma verdadeira transformação na vida dos paraibanos, sejam elas no campo econômico, cultural ou social

# Modularis



## Cozinhas



## Quartos

A revista Balaio Cultural trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

**REPORTAGEM:**

Damião Gutemberg Ramos dos Santos

Hildeman Pereira Da Silva

Tássia Raphaelle Gomes Barbosa

**DIAGRAMAÇÃO:**

Sidney Costa Santos  
Rua Maciel Malheiros, 18  
Castelo Branco  
Campina Grande - PB

# Aos leitores

Ao longo de cinco anos, e diante de todas as dificuldades enfrentas para que pudéssemos chegar até aqui, em fim conseguimos realizar um projeto feito com muito esmero, em cumprimento de mais uma etapa da jornada do curso de comunicação social. Aos leitores é com uma imensa satisfação que apresentamos a edição especial da revista Balaio Cultural, revista essa que traz em seu conteúdo um material que visa levar aos leitores o resgate a nossa cultura nordestina, sobretudo uma cultura praticada aqui na nossa querida rainha da Borborema.

Por acreditar na força de nossa cultura, procuramos artista genuinamente Campinenses, para expor um pouco de seus trabalhos e suas distintas visões no que se refere a arte nordestina, de modo que através dos perfis expostos em nossas páginas levaremos ao conhecimento de nosso público um pouco mais da história desses artistas.

Em entrevista o renomado professor Hipólito Lucena, conta ou pouco de sua experiência como produtor cultural

A publicação traz ainda, uma matéria de cunho social, trata-se de um projeto bem sucedido que recebe o nome de tamanquinho das artes que visa levar dignidade e esperança a crianças carentes por meio da arte. Assuntos relacionados a tecnologia ligados a cultura local também faz parte do conteúdo da revista.

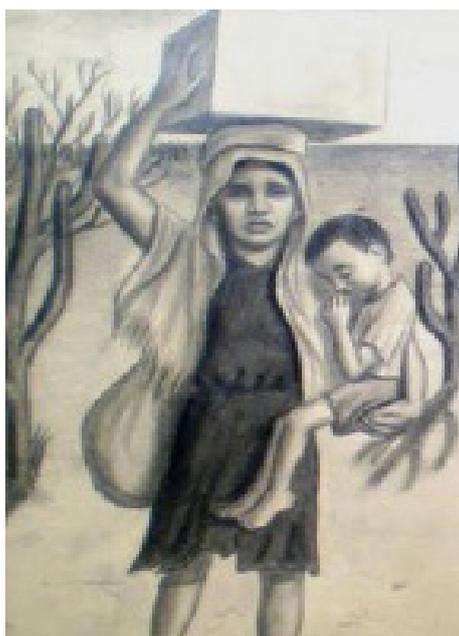
Nosso balaio vem recheado de diversidade cultural, por meio de crônica, artigo, entrevista, perfis e inúmeras matérias relacionadas ao que há de mais relevante no universo cultural de Campina Grande.

Boa leitura!

# SUMÁRIO



## 24 UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DA MAIOR FESTA POPULAR DO NORDESTE



**06** ARTIGO  
A ARTE DE SER SERTANEJO



**07** ENTREVISTA  
HIPOLITO LUCENA



**22** TECNOCULTURA  
MUSEU DIGITAL



**30** *NO TEMPO DOS RELÓGIOS*  
**RELÓGIOS PÚBLICOS**

**03 EXPEDIENTE / EDITORIAL**

**05 SUMÁRIO**

**06 ARTIGO**

*A ARTE DE SER SERTANEJO*

**07 ENTREVISTA**

*HIPÓLITO LUCENA*

**12 CRÔNICA**

*SAUDOSA CAMPINA!*

**14 AGROCULTURA**

*FEIRA AGROECOLOGICA DE  
CAMPINA GRANDE*

**18 ARTE EM PERFIL**

**22 TECNOCULTURA**

*MÚSEU DIGITAL*

**23 MÍDIAS DIGITAIS**

*SAUDOSA CAMPINA!*

**24 MATÉRIA DE CAPA**

*A MAIOR FESTA POPULAR  
DO NORDESTE BRASILEIRO*

**30 NO TEMPO DOS RELÓGIOS**

*RELÓGIOS PÚBLICOS*

**34 FAZENDO O BEM**

*PROJETO TAMANQUINHO*

# Uma peregrinação que vai do sofrimento a esperança de vidas melhores!

por Deman Silva

Naquelas terras distantes dos grandes centros econômicos do Brasil, chamado de “desertão” no passado, e que logo depois deram origem ao que hoje conhecemos como sertão, sobre o qual abita uma figura típica do Nordeste brasileiro: o sertanejo. Resultante do contato entre indígenas e a população branca, o sertanejo carrega em sua história, uma vida marcada por sofrimentos, dificuldades econômicas entre tantas outras adversidades, contudo, a superação é uma característica marcante para esse povo.

Sob o misto de inocência com

*O fato é que o Sertão não vai virar mar, como sugere metaforicamente a obra de Moacir Scliar, por aqui os interesses políticos falam mais altos*

a sabedoria, marcada por cada linha de expressão do seu rosto, o sertanejo tem na fé a esperança de uma vida melhor, tendo em vista as dificuldades enfrentadas, sobretudo pela escassez de água, em suas regiões. Esquecidos pelo poder público, ignorados pelo mercado de trabalho e muitas vezes hostilizados por uma grande parte de população urbana brasileira, esse povo genuinamente guerreiro tem o poder de se reinventar a cada chuva que não cai, tem nas

mãos calejadas as marcas de suas lutas.

Mas esse solo seco e rachado do sertão, não pode apenas ser visto pelo seu sofrimento, porque dele brota a mais pura poesia, com seus cantadores e repentistas que por meio de versos traduzem os seus anseios, seus amores e toda sua paixão pela vida sertaneja seja ela como for. A austeridade do sertanejo na contemporaneidade, por sua vez serve de inspiração para arte em todas as suas instâncias! Euclides da Cunha, romancista do século passado por exemplo, enfatiza dizendo que “o sertanejo é, antes de tudo um forte”, frase clássica encontrada na sua obra “O Sertões”, Luiz Gonzaga eterno rei do baião, com sua música sertão de aço acrescenta ainda “o sertanejo ainda não desespera. Com coragem ainda espera.” Entre essas

e outras, o sertão e seus sertanejos vem ganhando notoriedade, em especial romantizados através das obras novelísticas e afins.

O fato é que o Sertão não vai virar mar, como sugere metaforicamente a obra de Moacir Scliar, por aqui os interesses políticos falam mais altos, aos sertanejos sobram a fé como maior riqueza, aos demais espera-se que aprendam o mínimo da civilidade humana deixado pelo povo do sertão, povo esse regido pelo trabalho, suor e esperança!



## A Experiência e opinião de um Produtor Cultural

por Berg Ramos

*Produtor cultural e coordenador de comunicação da codecom. Possui graduação em licenciatura plena em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba (1990), graduação em Comunicação Social pela universidade estadual da paraíba (1996) e mestrado em Desenvolvimento Regional pela UEPB (2012). Atualmente é consultor na área de comunicação social da universidade estadual da paraíba, coordenador - Ponto de Cultura Ypuarana, diretor artístico da companhia de dança Kariboka e colaborador da fundação Vital Farias de Arruda. Tem experiência na área de educação, com ênfase nos seguintes temas: cultura, arte, educação, turismo e comunicação.*

## **Como surgiu seu gosto pela produção cultural e como se desenvolveu sua trajetória no campo da cultura?**

Desde sempre. Penso que desde a primeira infância que eu tive uma vocação, um desejo, uma aproximação com as coisas relacionadas com a cultura, com identidade, com topofilia, que é esse sentimento enorme pelo lugar onde você nasce, onde você vive. Estas sempre foram as molas propulsoras da minha vida. Tive muita educação em casa, meu pai sempre foi alguém mais próximo de gostar muito de música, de dança, de festa, e de festejar, celebrar, comemorar, esse foi o ambiente em que vivi. Minha primeira infância estudei em colégio de freiras e a gente já tinha aulas de artes, que era denominada de artesanato, que utilizava argila, barro, fibras naturais, palhas. A gente aprendia a fazer tranças, moldar, apesar que eu não tinha tantas habilidades manuais, mas aquilo, para mim, era tudo uma brincadeira que foi me moldando. Aquela argila com aquela música que eu ouvia quando chegava em casa, foi o ponta pé inicial, a porta inicial para a entrada da cultura na minha vida. Final dos anos 70 vim morar em Campina Grande. Ao chegar aqui, fiz vários contatos, eu muito precocemente com 12 a 14 anos passei pelo Teatro Municipal, fazendo curso de dança, acompanhado Bráulio Tavares, Lenine que passou uma temporada aqui em Campina, o mesmo morava perto da minha casa, juntamente com Capilé. Sempre estive atento ao Festival de Inverno de Campina Grande e sempre me envolvi, produzi aquele festival. Esse é um pouco da minha história de vida, essa identidade foi sempre natural e, até hoje, sempre tive uma tendência natural de gostar dessas coisas, das coisas que são mais próximas das artes e da cultura popular em particular.

## **Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos produtores culturais e pelos artistas locais?**

Eternamente vão dizer que é falta de patrocínio, de apoio, e é, de fato, uma dificuldade muito grande que encontramos. A gente sempre tem colocado nas discursões, nos coletivos trazemos tudo isso. Há 4 anos criamos o sonho de implantar o Sistema Municipal de Cultura, entre eles o Conselho. Fizemos um movimento, invadimos a Câmara de vereadores, e o Conselho de Cultura que era para dar vez e voz aos artistas. Desta forma, nós conseguimos criar o Conselho e aprovar a lei na Câmara de vereadores e o instalar. Vivemos momentos sombrios, momentos difíceis, principalmente nessa área de atuação na sociedade, então diria, que a maior dificuldade é a falta de articulação política. A vida em sociedade é determinada pela política muito fortemente, por isso essa articulação é preciso e é algo que precisamos bastante.

## **Qual a sua avaliação das políticas públicas de incentivo à cultura nas três esferas de governo: município, estado e governo federal?**

Campina grande é uma cidade, nessa ideia pioneira das coisas, a ter a primeira lei de incentivo à cultura do Brasil, pasmem, foi aqui em Campina Grande em 1992, salvo engano. Em seguida, criamos outra lei que envolve cultura e esporte. Em outra luta nós conseguimos transformar essa lei, uma lei no FUMIC, Fundo Municipal de Incentivo à Cultura. Funcionou, fizemos ainda 2 editais. Eram 2 editais com poucos recursos, mas extremamente significativos porque, com esse primeiro ano foi destinado 150 mil reais, apesar de pouco, mas nós aprovamos cerca de 42 projetos. Depois da reeleição do prefeito Veneziano infelizmente o fundo não



aconteceu mais e não tivemos mais nenhum edital. Em paralelo a tudo isso, em 94 nós criamos o Fundo Cultural Augusto dos Anjos do Governo do Estado, depois que Cássio foi cassado e José Maranhão assumiu o posto de governador as coisas ficaram incertas. Maranhão até lançou um edital, só que não foi concluso. E no governo Ricardo Coutinho, depois de 6 anos de gestão foi que ele resolveu um edital pendente, e lançou outro edital que até agora tem pendências, edital de 2014. Nos últimos 3 anos não tivemos nenhum incentivo a mais por parte do Estado para a produção cultural. Já na esfera federal tivemos um fortalecimento com os programas Cultura Viva e principalmente com



*Qual é a importância do Produtor e Gestor Cultural para o desenvolvimento da área da cultura? quais as qualidades que esse profissional deve reunir para atuar nesse campo?*

O produtor cultural tem uma função muito importante. É a pessoa que tem a capacidade de articular as ações, projetos e ideias dos artistas, vou assim colocar, e, ao mesmo tempo, promover, trazer e articular as relações entre as pessoas, comunidades entre os setores e, principalmente, entre o Poder Público e a sociedade civil. Também entre os produtos advindos dos artistas e dos produtores, ativistas culturais com o mercado como ele se posiciona, seja através de festivais, seja através de exposições das mais diversas formas. O produtor cultural tem a função de ser um grande articulador e um “construtor de pontes”. Ele é o elo entre quem produz arte e cultura e quem consome.

*Como analisa a atual política de financiamento público na área da cultura? a lei Rouanet é eficaz para todos, ou só beneficia os grandes artistas e produtores?*

a Lei Rouanet, só que hoje no atual governo está tudo parado, nós não temos nada. *No seu ponto de vista, como deve ser a relação entre estado e cultura? quais as obrigações do poder público?*

A cultura, como sempre, precisou do apoio do Estado, do reconhecimento do mesmo. A função de manter a cultura é primordial e é do Estado, cabe ao mesmo prover essas ações. Não havendo esse patrocínio, essa ideia, esse incentivo para que ela se sustente, e se realize, não teremos nunca processos alternados de novidades, de quebra de padrões, paradigmas e de modelos, então, é preciso que isso aconteça. Naturalmente não é uma

obrigação única do Estado, mas ele tem que ter essa responsabilidade. Atualmente estamos vivendo um momento de retrocesso, como falei anteriormente, tivemos avanços enormes nos anos 2000 a 2010, com a criação de leis e incentivos à cultura, mas agora estamos retrocedendo. Em algumas cidades que criaram suas secretarias de culturas estão começando a fechá-las ou estão fundindo com outras secretarias. É importante ter a secretaria e mais que ter, é ter esses instrumentos, fundo municipal, conselhos que funcionem e que tenham recursos, e que a secretaria tenha estrutura para que possa atender a toda a sociedade.

O financiamento público para cultura está praticamente extinto, nós temos pouquíssimos e raros editais. A ANCINE lançou recentemente um conjunto de três, quatro editais limitadíssimos. Antes a gente tinha várias instituições. A Petrobras desenvolvia um programa de incentivo e financeiro extremamente importante e, com isso que está acontecendo no país e com aquela estatal, praticamente foi suprimido. Qualquer aperto quem primeiro perde é a área da cultura, é a primeira a ser deixada de lado. Outras estatais importantes como o Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, o BNDS e

outras tantas instituições importantes sempre financiaram programas de apoio à cultura. De fato, é uma pena, pois vimos os últimos editais tentando garantir, ao diminuir essas diferenças de regionalidade, porque as grandes corporações estabelecidas no Sudeste do país basicamente localizadas em sete bairros de São Paulo e Rio de Janeiro detêm esse poder de captar esses recursos, mas os últimos editais vimos que estavam priorizando o Norte/Nordeste, garantindo cotas para essas regiões, assegurando que esses recursos também chegassem a essas regiões menos favorecidas. Então, a gente espera que o país consiga se reestruturar, que volte para os trilhos novamente, que saia desse processo de obscuridade, dificuldade, de golpe mesmo. Nós da cultura fomos quem mais sentimos esse golpe, a área cultural foi muito afetada, pois todos os editais sumiram, com isso, a gente espera que, em breve, possamos reaver e rearticular as coisas para que, pelo menos, voltemos ao patamar que tínhamos antes.

*Observando a aplicação dessa lei, qual sua opinião sobre as parcerias público-privadas (ppps)? essas parcerias são os melhores caminhos para resolver os problemas de falta de incentivo para a produção cultural no Brasil?*

As chamadas PPP'S, parcerias públicos privadas, surgiram como alternativas de unir o setor público com a iniciativa privada e, com isso, gerar um bem comum. Essa ação é uma possibilidade, mas eu não tenho um juízo de valor totalmente formado, porque conheci poucos projetos beneficiados através dessas parcerias, salvo raras exceções. É algo que carece de muita experimentação, particularmente para a área da cultura, mas creio que seja uma possibilidade, que não seja a única, que seja mais uma, porque o poder público não

pode se isentar dessa obrigação. Não podemos abrir mão da chancela do poder público para garantir que os bens culturais possam ser formados e que possam circular por todos os espaços da sociedade.

*Qual o papel e importância da escola no desenvolvimento pelo gosto e interesse dos nossos alunos em relação a cultura?* Muito importante. A escola é o primeiro passo depois de casa, do ambiente familiar, é o primeiro passo para a formação das pessoas. Muitos consideram a mais importante, porque é lá que você vai trabalhar

de imediato com a diversidade, lá encontramos pessoas de todas as cores, gêneros sexuais distintos, amplos e diversos, então a gente passa a trabalhar a tolerância e convivência

## Sempre tive uma tendência natural de gostar dessas coisas, das coisas que são mais próximas das artes e da cultura

em grupo. Portanto, a escola tem uma tremenda importância na formação geral do cidadão. Já na parte da cultura é lá que a gente vai aprender os primeiros passos, as primeiras ideias, a construir um juízo de valor sobre as coisas. É fato também que muitas escolas carecem de um profissional de artes ministrando as aulas que possam estimular, trazer as informações, novidades, articulações para que a pessoa tenha na sua formação um conceito mais amplo, e que veja o mundo de forma mais plural, como é de fato a sociedade em que vivemos.

*O incentivo à cultura no Brasil tem aumentado ou diminuído*

*nos últimos tempos?* Diminuído sensivelmente. Infelizmente nós estamos nesse Governo de crise, um Governo que eu considero ilegítimo, e que praticamente cortou todos os incentivos, voltou as ideias de incentivo à cultura que tivemos lá no Governo Collor, quando ele assumiu e colocou inclusive um paraibano no Ministério da Cultura, o Ipojuca Pontes, o qual cunhou uma frase que ficou célebre, ao dizer que “a cultura é quem regulamenta o mercado”, o que não é bem assim, a gente já teve prova que não é. O mercado também deve participar, para o que é do mercado, mas ao mercado não interessa, por exemplo, você trabalhar com as tradições, as ancestralidades e a história do povo brasileiro. O que interessa eles discutirem, por exemplo, as manifestações e as ações dos índios ou das comunidades Quilombolas? Se não for para explorar comercialmente ou como de formas e elementos exóticos, como culturas exóticas para que eles possam vender os lugares e as ações de fluxos turísticos, fora isso, não vejo interesse nenhum. Eles não têm interesse nenhum quando se fala em proteção dos bens imateriais da formação do nosso povo, esse papel cabe ao Estado, e é a ele que a gente vai estar sempre cobrando.

*Qual a sua opinião sobre a indústria cultural no Brasil? ela ajuda ou atrapalha a construção de nossa identidade cultural? a mídia hegemônica é a principal responsável?*

A indústria cultural cumpre seu papel. É um papel que naturalmente é bastante contestado por você achar que ela vai sempre massificar as coisas, mas tem um elemento que a gente chama de “atomização”, que faz você criar essa ideia de um gosto comum. Todo mundo pega um produto, um artista, uma expressão

cultural e transforma em um produto e este é massificado. Para a “atomização” interessa somente gerar recursos econômicos e, naturalmente quando ela faz isso, pega o produto (artista), usa-o, espreme-o. É como se fosse uma laranja, enquanto ela tiver dando sumo, um suco gostoso ela é aproveitada, mas depois que ela vira bagaço, qual o destino? Lixo. Então, essa é a ideia de forma ilustrativa e metafórica para mostrar como essa indústria age. A indústria cultural é muito perversa, ela está muito atenta a tudo que está acontecendo ao seu redor, pois a mesma identifica um artista que está se destacando na internet e que não teria espaço nas mídias hegemônicas, o seduz com propostas tentadoras, o aliena, revela-o, e quando ele não conseguir mais o interesse do público, é descartado sem nenhum pudor. É esse o seu papel. E respondendo objetivamente, a indústria cultural mais prejudica do que ajuda.

Poderíamos ter esse processo de forma mais natural, essa exibição. Essa exploração deveria ser não só vista somente do ponto de vista econômico, mas também nos outros elementos das três dimensões da cultura, não só pela dimensão econômica, mas também pela dimensão cidadã e simbólica das coisas que compõem a sociedade.

*Em seus projetos culturais, patrocinados pelo Governo, em que há gratuidade, qual interesse do público em participar e comparecer?*

De todos os projetos que eu pude participar, gerir ou tocar, sempre houve uma participação popular significativa, por exemplo, o Festival Internacional de Música daqui de Campina Grande, o FIMUS, realizado pela UFCG e sempre com a parceria da UEPB. Não teve nenhuma única edição em que a casa não estivesse lotada, todos os espetáculos



**“O produtor cultural tem a função de ser um grande articulador e um “construtor de pontes”. Ele é o elo entre quem produz arte e cultura e quem consome.”**

independentemente do local estavam lotados. As pessoas costumam participar dessas ações. E assim se dá, outros tantos projetos. O próprio Festival, Comunicurtas, que a gente está coordenando há mais de 4 anos, e desde o início do mesmo, quando era capitaneado e organizado pelos estudantes e por André da Costa Pinto, que tocou o festival desde o começo, sempre houve uma participação muito grande. E tantos e tantos outros projetos financiados pelo Poder Público ou por ação própria sempre houve uma grande participação do público, e nunca houve uma rejeição

de nenhum projeto que eu tenha tocado ou desenvolvido, muito pelo contrário, sempre é ano para tocar o próximo.

***O que pode ser feito para melhorar o interesse da população por espetáculos, eventos culturais que são financiados pelo poder público?***

Às vezes, as pessoas deixam de participar de um evento colocando como empecilho o valor econômico. Portanto, divulgar esses projetos, fazer propagar essas informações são fundamentais, para que as pessoas saibam que podem participar, ou seja, não só pela questão do acesso gratuito, mas também por saber que eles acontecem, e que todos possam participar..

# Saudosa Campina

por Deman Silva

A saudade é mesmo um sentimento estranho né não? Ora apertar-nos o peito trazendo de volta a sensação de dor, por saber que não teremos mais algo ou alguém que outrora fizera parte de nossas vidas, ora alegre - nos com lembranças prazerosas que vivemos em algum determinado momento, pois bem! É desse sentimento saudosista que destaco nesse momento. Um sentimento que

dos instrumentos: triângulo, sanfona e zabumba, assim o velho forró tradicional tinha espaço, nada de baixo, bateria e afins eletrônicos no grandioso ritmo nordestino. Campina respirava o São João. Nos dias que antecediam os festejos, era comum os moradores da cidade enfeitarem suas casas e ruas com adereços juninos. No dia comemorativo ao santo em questão, as casas recebiam nas calçadas, enormes

“vivemos na sociedade líquida, nada foi feito para durar”.

fogueiras que estavam sempre rodeadas de crianças que de alguma forma desafiavam o perigo na inocência característica de quem só queria se divertir naquele dia, inocência essa que fazia a garotada percorrer ruas e ruas de cabeças erguida com um

na contemporaneidade parece fazer sentido, diante das transformações da sociedade. Parafrazeando o sociólogo Polonês Zygmunt Bauman, “vivemos na sociedade líquida, nada foi feito para durar”. Acredito nisso, não posso negar, mas ver as transformações que ocorreram na minha querida cidade natal, Campina Grande, e não lembrar dos momentos mágicos aqui vividos sem o mínimo da perspectiva saudosista é quase impossível.

pequeno espelho nas mãos seguindo um gigantesco balão, na esperança de fazê-lo cair ao refleti sua imagem através do espelho, coisas inexplicáveis, mas que rodeavam o imaginário infantil. Em ano de fartura no campo, as mesas eram repletas de comidas típicas, fruto da paciência, da crença e perseverança do agricultor somados ao exaustivo mas sempre prazeroso processo de produção dessas comidas, nada de ir na esquina comprar tudo pronto nas padarias e supermercados, tudo era feito manualmente, talvez por isso era comum reunir parentes e amigos para essa realização, depois disso era só aguardar a noite chegar. Mas nem só de bandeirolas, balões, comidas juninas viviam os campinenses tínhamos

Pensar por exemplo, que muito antes de termos o título de maior são João do mundo, o povo campinense já arrastava o pé, nos clubes da cidade ou mesmo no “palhoção”, que mais tarde daria lugar ao parque do povo, sempre regidos pelo som clássico

# Campina Grande

carnaval também! Não tão famosos e festejado quanto o da Sapucaí é bem verdade, mas era divertido. Aqui os blocos carnavalesco saiam nas ruas tocando frevo e marchinhas, quem não se lembra de dois personagens épicos que dividiam sentimentos nas crianças: o “papangú” e o “boi da cara Preta? Dessa forma o adeus a carne era festejado com muita alegria, numa época em que a cidade não ficava desértica nesse período. No Domingo de carnaval um fato curioso acontecia nas tradicionais peladas de futebol, os homens que participavam do famoso “rachão” de Domingo, trocavam seus uniformes tradicionais por vestidos, saias e acessórios femininos. Particularmente não sei de onde e como surgiu essa tradição, mas uma coisa é certa: nesse dia o que menos importava era o resultado da partida, ver os “marmanjos” travestidos de mulheres não tinha preço era no mínimo hilário.

De Capital do trabalho à polo calçadista, Campina Grande aos poucos passava pelo processo de transição entre uma simples cidade interiorana para um grande centro econômico, de forma que aos poucos fomos deixando a cultura popular para traz. A exemplo da semana Santa, período em que ninguém ousava descumprir a tradição religiosa. Os desfiles cívicos também marcaram época em Campina Grande, sempre traziam grandes espetáculos muito menos

politizados e mais disciplinados. No futebol surgiu por aqui o clássico dos maiores, nossos ídolos respondiam pelo nome de Roberto Michelle e Neto Maradona, o primeiro chegou a ser conhecido nacionalmente pela quantidade de gols marcados durante um ano, o segundo tinha o apelido do craque Argentino, mas as semelhanças paravam por ai mesmo, ambos com menos fama e salários bem inferiores aos proporcionados atualmente aos atletas de futebol, mas com a paixão que o esporte pedia na época.

Nunca estivemos livres da criminalidade, devo admitir, mas tínhamos uma sensação de estarmos mais seguros, não lembro por exemplo, de nos assustarmos com duas pessoas em uma moto vindo em nossa direção, conversávamos nas calçadas, andávamos de transporte coletivo sem o mínimo de conforto, mas sem o medo do assalto que hoje é comum aos passageiros.

Não quero com essas lembranças deixar de lado os avanços de grande importância que ocorreram durante todo esse tempo para o povo campinense, mas bem que podíamos ter de volta aquela simplicidade do povo Paraibano junto com nossas conquistas, sejam elas sociais, econômicas e tecnológicas. A vida não era fácil, isso é fato, mas para chegar a dar saudade é porque valeu a pena viver cada detalhe descrito!

# **FEIRA AGROECOLOGICA DE CAMPINA GRANDE**

Fortalecendo a agricultura familiar e proporcionando alimentos saudáveis na Rainha da Borborema

Por Berg Ramos

**A Feira Agroecológica de Campina Grande é um espaço de comercialização de produtos orgânicos, “in natura”, produzidos pelos agricultores e agricultoras familiares do polo sindical da Borborema.**

Em Campina, a feira acontece às 5 horas da manhã todas as quartas-feiras no pátio do Museu do Algodão, mais conhecida como, Estação Velha. Lá, os agricultores oferecem seus produtos alimentícios diretamente aos consumidores, sem a presença de atravessadores e intermediários. Eles mesmos fazem a comercialização, sendo assim, eles conseguem baratear a mercadoria e aplicar preços justos, sem exploração comercial. Essa prática, corresponde com a política da agroecologia e dá produção da agricultura familiar.

A feira faz parte de uma série de feiras organizadas pela Associação Dos Agricultores e Agricultoras Agroecológicos Do Compartimento Da Borborema, a ECOBORBOREMA. Além de Campina, a feira acontece em mais 11 cidades, são elas: Lagoa Seca, Lagoa Nova, Areial, Arara, Esperança, Remígio, Solânea, Massaranduba, Queimadas, e Casserengue. Todas essas feiras tem a realização e a assessoria de várias entidades e organizações financiadas pelo Governo Federal, a exemplo da AS-PTA, uma ONG de direito civil sem fins lucrativos que atua desde 1983, para o fortalecimento da agricultura familiar e a promoção do desenvolvimento rural sustentável no Brasil.

Na opinião de Rosinaldo da Costa, o apoio da associação e das demais organizações são bastante importantes para a consolidação da feira tanto de em Campina quanto nas demais cidades. “O apoio da Ecoborborema, da AS-PTA e das outras entidades que

nos ajuda, são de uma grande importância para o crescimento e fortalecimento da nossa feira, sem eles não seria possível realizar essa feira aqui em Campina e nas outras cidades, é através da associação que a gente consegue se unir e enfrentar as dificuldades que encontramos para realização da feira.”

Para dona Severina Tavares (65), agricultora agroecológica, moradora do sítio Catolé, município de Queimadas, que comercializa galinha de capoeira, ovos, milho, feijão, quiabo, fava, dentre vários outros produtos característico de sua região, ela diz que:

“a Feira Agroecológica de Campina Grande é um espaço de saúde, aqui a gente vende produtos saudáveis, sem nenhum veneno, tudo que a gente produz é sem nenhum agrotóxico, pode confiar eu garanto e se alguém não acreditar é só levar pra fazer exames.” Ela explicou que existe um treinamento e fiscalização da associação que verifica periodicamente o manejo de cada agricultor em relação a seus produtos, “se algum agricultor que faz parte da EcoBorborema que não estiver trabalhando de acordo com a política da agroecologia e com os termos da associação, ele não fará mais parte da feira”. A agricultora também falou sobre a política de preço estabelecido pela associação e pelos produtores/comerciante, ela comenta que os produtos oferecidos naquela feira tem preços justo e acessível à todos. “Nessa feira a gente não explora ninguém,



o preço é bastante acessível pra todo mundo, bem parecido com o preço de produtos não agroecológico vendidos nas feiras comuns e bem mais baratos que o grandes supermercados da região”. Perguntada sobre o perfil dos consumidores que procuram a feira, dona Severina desabafou que os consumidores bem seleta e com um nível de consciência bem elevada, “na verdade quem nos compra são pessoa com mais condições financeiras. São, empresários, professores de universidades, juízes, médicos, pessoas consideradas “bem de vida” na sociedade.” Diz a produtora.

Outro agricultor, que falou sobre a feira foi seu Rosinaldo da Costa (45), morador do sítio São Tomé, município de Alagoa Nova, pra ele a Feira Agroecológica de Campina Grande é um local de oportunidade, tanto para o consumidor quanto para ao agri-

cultores, “Nessa feira encontramos a oportunidade de contribuir com a sociedade, aqui a gente vende produtos saudáveis que não prejudica a saúde de quem se alimente deles. Tenho orgulho de produzir alimentos que contribui para a saúde de quem consome e do planeta, tudo nessa feira não se perde nada, é tudo sustentável, não há desperdício, quando sobra algum produto a gente doa.” Disse emocionado o feirante.

Abraão Clementino (47) servidor público, morador de Campina Grande, frequentador da feira agroecológica há mais de 8 anos, fala que a feira Agroecológica de Campina é um local raro na cidade onde se encontra alimentos saudáveis. “a maioria dos alimentos que encontramos hoje no comércio são industrializados, né? Algumas são cultivadas com muito defensivos agrícolas, que eu acredito

que isso vem afetar ao longo do tempo nossa saúde, então, eu procuro me alimentar com produtos mais saudáveis, e aqui nessa feira, que eu encontro maior variedade de produtos que protege minha saúde e da minha família”. Abraão, acredita que os maiores problemas de saúde enfrentados pela sociedade mundial na atualidade é ocasionada pela mal alimentação. “Hoje em dia, eu acredito que o nosso maior problema relacionado a saúde pública no planeta é alimentação, então devemos nos preocupar com o que comemos, pois se ingerirmos alimentos contaminados com agrotóxicos ou com certeza iremos adoecer e consequentemente uma menor expectativa de vida”.

Já para Glória Araújo (61), educadora, também residente na cidade, o que mais lhe motivou a consumir pro-

duto agroecológico foi a conscientização da política da agroecologia e a qualidade de vida proporcionada pelo consumo de alimentos saudáveis. “A gente tem que construir um mundo com qualidade de vida, então eu trabalho nessa perspectiva, com qualidade de vida e justiça social, e aí é necessário que a produção de alimentos seja saudáveis, sem uso de agrotóxico, que esses alimentos sejam acessíveis a população em geral e principalmente aos menos favorecidos financeiramente.” Para a educadora não basta apenas consumir os produtos agroecológicos a sociedade tem que valorizar esses produtores que dedicam a vida inteira para trazer saúde para a mesa do cidadão. “Ser um consumidor é o mínimo, temos que exigir, promover, provocar, estimular a produção agroecológica, por que essa é uma maneira de fortalecer a agricultura da vida. Os agricultores e agricultoras nem sempre são valorizados e estimular a produção de alimentos saudáveis é importantíssimo tanto para os agricultores familiares e para a população da zona urbana que tem alimentos saudáveis e de qualidade bem pertinho de casa, essa conexão, campo, cidade é de suma importância para todos”. Afirmou a consumidora.

Já que todos falam que os produtos agroecológico são saudáveis, convidamos a nutricionista Sheila Michelle para falar um pouco sobre os benefícios e importância do consumo de produtos orgânicos. “É de suma importância o consumo de alimentos orgânicos, pois além de saudáveis eles são mais nutritivos, os alimentos agroecológicos são cultivados em solos ricos e balanceados com adubos naturais, com isso tudo isso, esses alimentos são enriquecido naturalmente com maior valor nutricional”. Afirmou a nutricionista.

Sheila, também falou dos bene-



fícios de consumir alimentos livre de agrotóxico, ela reconhece que o hábito de se alimentar com tais alimentos favorece a saúde e proporciona bem estar. “Vale também ressaltar que o hábito de consumir estes alimentos evitam problemas de saúde causadas pela ingestão de substâncias químicas tóxicas. Além disso, vários estudos têm demonstrado que os agrotóxicos, também chamados de veneno,

são prejudiciais ao nosso organismo, os resíduos que permanecem nos alimentos podem provocar reações alérgicas, respiratórias, distúrbios hormonais, problemas neurológicos e até mesmo o câncer. Portanto, os alimentos orgânicos são os mais indicados na nutrição. Sem contar dos benefícios que os alimentos orgânicos trazem para a vida do ser humano,

uma vida mais saudável, livre de agrotóxicos, hormônios e outros produtos químicos, pois eles possuem menor índice de toxidade, mais sabor, maior valor nutricional, maior concentração de nutrientes, chegando a ser 20 vezes superior à alimentação comum, responsabilidade com meio ambiente, evitando a contaminação de solo, água e vegetação, e por fim o sistema de responsabilidade social, principalmente na valorização da mão de obra”. Explicou a nutricionista.

Outra dica é sobre a higienização dos alimentos, ela lembra que muitos consumidores não faz a limpeza adequada por se tratar de produtos naturais. “Não é porque é um alimento orgânico livre de qualquer substância tóxica, que ele estará livre de contaminações por bactérias. Os cuidados com a higienização de produtos orgâ-



nicos não se diferenciam dos alimentos convencionais, eles também precisam ser armazenados em um local fresco e refrigerado.

## HORA DA HIGIENIZAÇÃO

- *Primeiro passo, lavar em água corrente os alimentos como: verduras, legumes e frutas. Para eliminar qualquer resquício de sujeira antes de serem armazenados, fazer esse procedimento alimento por alimento para garantir que nenhuma sujeira ficará armazenado entre eles.*
- *Segundo passo, uma solução de higiene com cloro é bastante conhecida e utilizada da seguinte maneira: 1 litro de água filtrada e 1 colher (sopa) de cloro, podendo ter o uso também do vinagre branco (100 ml) ou do bicarbonato de sódio, deixando os alimentos por aproximadamente 15 minutos de molho, depois os retire e lave bem cada um deles.*
- *Terceiro passo, secar. É recomendado que enxugue com toalhas de papel ao invés de pano de prato, pois o uso do pano de prato pode servir de moradia para fungos e outros germes.*
- *E por fim, o armazenamento. Alimentos como tomate, abobrinha, batata e cebola devem ser armazenados fora da geladeira e em um ambiente fechado. Se caso você demore para*
- *consumi-los o ideal é armazenar na geladeira. Quanto aos alimentos folhosos e alguns tipos de frutas tipo a maçã, pêsego e pera, devem ser armazenados na gaveta da geladeira.*



## Manoel Monteiro

*Nome: Manoel Monteiro da Silva  
Nascimento: de fevereiro de 1937,  
Bezerras, Pernambuco  
Falecimento: – 08 de junho de 2014,  
Belém, Pará (77 anos)*

**Obras:** A morte do Presidente Getulio Vargas Borborema, mas foi com o cordel intitulado A morte do Presidente Getulio Vargas que Manoel faturou uma renda significativa, pois foram reproduzidos 11 (onze) mil folhetos. O interesse pelo cordel surgiu quando seu pai o levou à feira de Bezerra , com sete anos de idade e viu o também poeta João Ferreira de Lima declamar Nascido em Bezerras, Pernambuco, mas radicado em Campina Grande, Paraíba, Manoel Monteiro, nasceu em uma família de agricultores e sua formação acadêmica foi até o terceiro ano do primário para satisfazer a vontade de sua mãe que era vê-lo alfabetizado.

Entre os anos de 1956 a 1964, já em Campina Grande, trabalhou como gráfico da livraria Pedrosa e redator do Diário da O pinto pelado. Foi membro da Associação Brasileira

de Literatura de Cordel (ABLCL), em Santa Tereza, no Rio de Janeiro, aos 65 anos de idade, na qual seus folhetos são postos no âmbito acadêmico. A partir desses acontecimentos, Manoel Monteiro passou a receber propostas para palestrar em escolas e universidades tornando-se um dos maiores responsáveis pela difusão da literatura não só na Paraíba, mas em todo o Brasil. Mais de 200 títulos foram escritos por Manoel Monteiros tais como , Lampião. Héroi de meia tigela; A Maior Festa Junina é Feita Aqui em Campina; O Castigo da Soberba; Uma Tragédia de Amor; Peleja de Manoel Camilo com Manoel Monteiro; Padre Cícero: Político ou Padre? Cangaceiro ou Santo? Em 08 de junho de 2014, o poeta nos deixa com 77 anos de idade, mas suas obras serão sempre lembradas como ícone de cultura popular.



## Rossevelt Fernandes

*NOME : ROOSVELT FERNANDES  
NASCIMENTO : 29 de Janeiro de 1975  
NATURAL DE CAMPINA GRANDE  
ARTESÃO E SANFONEIRO*

Nascido em 29 de janeiro de 1975 na cidade de Campina Grande no agreste Paraibano, é um artesão de destaque na produção de sandálias de couro, chapéus e gibão não só na sua cidade natal, mas em todo o estado com a sua marca Gibão de Cor, batizado assim, pela designer Marina Baracuhy que ao se deparar com uma flor de oito pétalas coloridas no designe das suas sandálias sugeriu o novo nome para a marca que antes era conhecida como Gibão de couro e raízes. Durante sua adolescência até se descobrir artesão, Roosevelt trabalhou como balconista, vendedor de bateria automotiva, alinhador de veículos e mecânico, mas desde a infância apresentava intimidade com a arte, na qual, produzia seus

próprios brinquedos. Mas foi através da sanfona apresentada por um amigo que Roosevelt reencontrou seu amor pela arte, tornando-se músico, cantor, compositor e interprete, sendo quatro vezes finalista do Forró Fest. Gente do povo, o artesão define a arte como VIDA e como uma forma de sobrevivência tendo como inspiração na produção do seu artesanato a necessidade, segundo o artesão, esta necessidade que lhe inspira e lhe faz você chegar a horizontes inimagináveis. Otimista, o artista acredita que apesar de todas as dificuldades encontradas para aqueles que vivem da arte e da cultura haverá sempre alguém disposta a lutar e insistir na cultura popular e que as mídias.

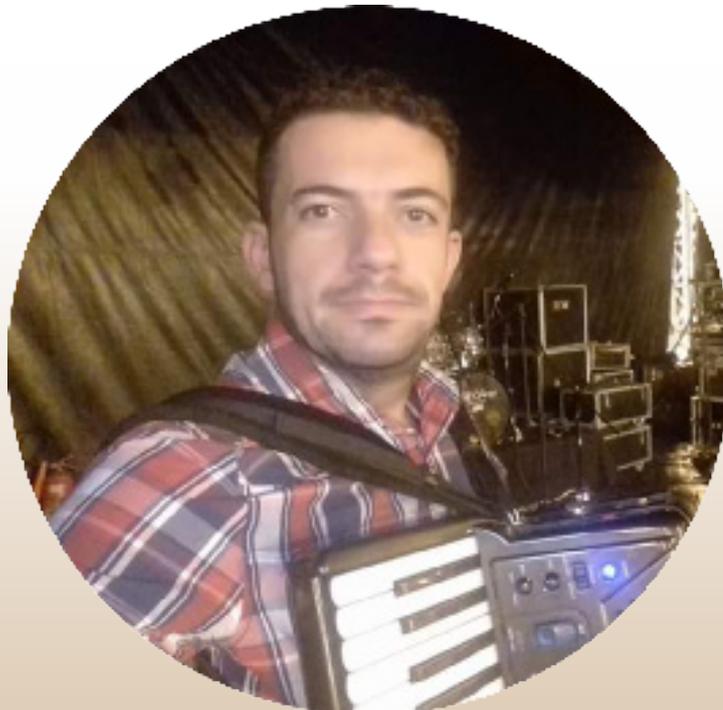


## ***Ava Romanovysk***

***NOME: Ava Homanosvisk  
NASCIMENTO: 11 de MAIO DE 1990  
NATURAL DE CAMPINA GRANDE -PB  
ARTISTA PLÁSTICO***

Nasceu na cidade de Campina Grande no estado da Paraíba em 11 de maio de 1990, descobriu a arte plástica aos xxx anos como uma forma de descobrimento do mundo aliando o seu verdadeiro eu com o que conhece sobre cultura possibilitando assim, obter novos conhecimentos. Estudante de jornalismo pela Universidade estadual da Paraíba - UEPB e Artes Visuais (licenciatura) na Unip, em João Pessoa, resolveu então, aliar o jornalismo a arte apesar de grande responsabilidade que agrega os dois campos. Questionada de onde surge sua inspiração ela diz que é das conversas com amigos, leituras informais e formais, dos lugares por onde passa e que as ideias surgem de onde

menos se espera. Para Ava, o artista em geral tem o desafio de passar desenvolvimento cultural através da sua obra, ou seja, torna o público seres pensantes em relação ao meio em que vive, nas condições que vive e conhecer um pouco mais sobre suas raízes, pois é através da arte que surge a capacidade de nos tornamos independentes intelectualmente. Apesar das dificuldades sociais de sobrevivência que os artistas enfrentam em viver apenas do que ama e melhor sabe fazer, não só em escala nacional, mas internacional também, quem mais perde é a sociedade, pois são os artistas que ajudam as pessoas a entenderem a melhor forma de conviver em um espaço sociável.



## Erivelton Nóbrega

**NOME : ERIVELTON NÓBREGA**  
**NASCIMENTO: 30 de Junho de 1983**  
**NATURAL DE Pocinhos – PB**  
**MÚSICO**

Nasceu na data xx/xx/xxxx na cidade de Pocinhos, no cariri paraibano. Descobriu sua paixão pela música ainda pequeno sob influência da sua família, seu pai era tocador de xxxxxx , seu irmão mais velho teclado e bateria e sua mãe até hoje canta no coral da igreja matriz da cidade de Pocinhos. Com cinco anos de idade , o músico já arriscava os primeiros acordes tentando acompanhar com o triângulo as cantorias que seu vizinho tocava no violão. Aos treze anos, começou a tocar teclado profissionalmente em bares e eventos na sua cidade natal por acaso para substituir seu irmão que não pôde comparecer ao evento, pois no mesmo dia tinha um outro compromisso com a banda que era integrante. Com quinze anos começou a tocar teclado na banda fundada por seu irmão, na qual, fez parte até o ano de 2015. Em seguida passou a ser integrante da banda ( trio) do grupo de dança Tropeiros de Emerciana na cidade de Pocinhos, passando pelo tradicional grupo

de dança Tropeiros da Borborema na cidade de Campina Grande , entre os anos de 2004 a 2009. Em xxxx, realizou seu sonho de formar no curso de licenciatura em música pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Atualmente é professor de curso de canto e coral da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB , integrante no grupo tradicional Acauã da Serra desde o ano de 2009 e sanfoneiro do trio de forró Os Anselmos desde 2013. Acredita que a arte como música é um segmento artístico que atingi todas as classes sócias e faz com que o indivíduo alcance sonhos e objetivos. Tem como inspiração artistas da cultura nordestina como Luiz Gonzaga que na sua opinião é o melhor artista do nordeste, Domiguinhos, Sivuca dentre tantos outros e da música popular brasileira como Caetano Veloso, Gilberto Gill, Maria Bathânia, Djavan. Acredita que através da arte o individuo é capaz de realizar sonhos e objetivos



Monumento faz homenagem aos Tropeiros da Borborema

## Monumento em homenagem a fundação de CG

Por TASSIA GOMES

A Rainha da Borborema, ganhou as margens de açude velho mais tecnologia e cultura através da criação do Sesi Museu digital, uma parceria entre o Sesi e a Prefeitura de Campina Grande - PB. O museu fica localizado no primeiro andar do Monumento, criado em homenagem Sesquicentenário da cidade.

Para que tudo saísse de acordo com o planejado foram dois anos de preparação e dedicação dos profissionais envolvidos e o resultado não poderia ser melhor, o espaço conta com tecnologia avançada, mapa digital, ideowall, karaokê, espaço selfie, espaço para exposições itinerantes, óculos com filme em realidade virtual, jogos interativos, tela digital de nove metros, entre outros, sendo pioneiro neste segmento na Paraíba.

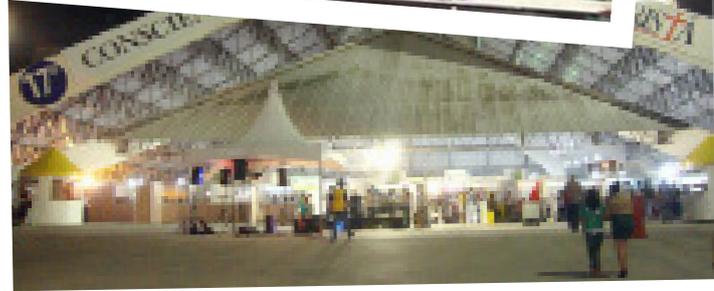
O monumento que faz homenagem aos Tropeiros da Borborema, foi projetado pelo arquiteto Argemiro Brito Monteiro da Franca e pesa cerca de 80 toneladas e a princípio não havia planos para que se tornasse um museu digital, como conta o instrutor do local Alisson “A prefeitura construiu o prédio como um monumento há quatro anos atrás em homenagem aos 150 anos

da cidade, porém não tinha finalidade nenhuma, posteriormente a prefeitura entrou em parceria com o Sesi para que o mesmo fizesse algo em prol da cidade. O Sesi por sua vez teve a ideia do museu digital”.

Sobre a importância do museu o instrutor ressalta “O objetivo museu é proporcionar não só para os cidadãos de Campina, mas também para visitantes de outros estados e cidades um pouco da história da cidade, como a foi criada, os ciclos sócios econômicos, arquitetura, sua evolução desde o seu começo até os dias atuais.”

Os estudantes que visitam o ponto turístico sentem a importância que o mesmo tem para a cidade e se encantam com o que vê, como conta Gabriela, aluna no terceiro ano do ensino médio “Usando a tecnologia para contar toda a história da nossa cidade foi uma ideia inovadora, atrativa e de inclusão digital, para aqueles que não têm acesso a novas plataformas digitais”.

O museu fica localizado na Rua Miguel Souto maior, 10 – Centro, Campina Grande e seu horário de funcionamento é de terça-feira (manhã e tarde) a domingo (apenas no horário da tarde). É cobrado o valor de R\$ 10,00 por pessoa para visita e R\$ 5,00 reais para estudantes. Estudantes de escolas públicas que agendam visita têm entrada gratuita.



# Mídias digitais a serviço da história

**Blog Retalhos Históricos de Campina Grande é destaque como um dos maiores acervos digitalizados.**

por Deman Silva

Campina Grande de fato se tornou uma cidade em constante transformações, talvez esse detalhe tenha motivado tantas pessoas a terem cada vez mais curiosidade sobre sua história, é o caso dos administradores, Adriano Araújo e Emanuel Souza, ambos foram os idealizadores do blog Retalhos Históricos de Campina Grande. O blog criado em meados de 2009, traz informações de fatos marcantes que aconteceram em nossa cidade, através de reportagens, fotos, áudios e vídeos. Atualmente a home page conta com mais de 30.000 acessos por mês, o que antes era apenas um espaço na web para disponibilizar conteúdos históricos de Campina Grande, tornou-se uma rede de informações. Adriano conta que a ideia inicial era apenas usar o espaço para compartilhar curiosidades marcantes do município, mas que logo após as primeiras postagens, o blog teve de imediato

várias visualizações e interações instantâneas com os internautas. Após os seis primeiros meses de blog no ar, a repercussão foi tamanha que lhes rendeu uma reportagem em um jornal de circulação local, logo em seguida o blog já contava com vários colaboradores.

Emanuel Souza, que também é formado em contabilidade e atua como professor nessa área, na Universidade Estadual da Paraíba, conta que mesmo sem ser da área de história, sempre foi um amante do passado e bastante curioso nos assuntos relacionados a rainha da Borborema, “ mesmo antes da criação do blog, Adriano e eu, já tínhamos um grande acervo de material relacionados principalmente a política, entrevistas, debates, fotos, curiosidades de nosso interesse mesmo “. O contador diz ainda que não imaginava o enorme sucesso de acessos em tão pouco tempo, segundo ele, o blog é acessado de várias partes do Brasil e do mundo, a exemplo da Alemanha, China entre outros. Fato que ele classifica como sendo interesse no conteúdo, não apenas simples acessos pontuais. Todo o conteúdo disponibilizado na plataforma, passa pela seleção e análise dos dois blogueiros, que apesar de não serem

especialistas em história, fazem questão de estar à frente de toda a pesquisa e a contextualização das imagens e vídeos. A qualidade do material disponibilizado no blog, foi determinante para a premiação recebida no ano de 2012, referente a terceira colocação entre os melhores blogs do ano, o prêmio em questão era “ TOP BLOG 2012”, que escolhia naquela ocasião os melhores blogs do ano de 2012 em todo Brasil, no seguimento de cultura. Sobre esta premiação Emanuel, sente o reconhecimento do trabalho feito por eles, “ter um blog que conta fatos históricos de um município como terceiro colocado no seguimento de cultura, é sem dúvidas surpreendente para nós, e nos mantem motivados a levar ainda mais conhecimentos para as pessoas” diz o administrador.

Atualmente, somado ao blog, o projeto inicial de Emanuel e Adriano, conta com uma página no Facebook e um canal no you tube, ambos com alto número de seguidores e inscritos respectivamente. Com a inserção tecnológica, Campina Grande só tem a ganhar com mais um instrumento que auxilia para o conhecimento cultural e histórico de nossa cidade.

# UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DA MAIOR FESTA

GRANDE, O MAIOR

SÃO JOÃO

A festa  
que passou de um  
simples arrasta-pé para o  
maior acontecimento sociocultural  
**Campina Grande.**

por Deman Silva



# A POPULAR DO NORDESTE



de

Há três décadas e meia os festejos juninos na cidade de Campina Grande, possibilitam uma verdadeira transformação na vida dos paraibanos, sejam elas no campo econômico, cultural ou social. Isso porque é nessa época do ano em que a cidade inteira se volta para a grande festa intitulada de “Maior São João do Mundo” o comercio campinense passa a dedicar-se quase que exclusivamente a disponibilizar artigos juninos como roupas, adereços, comidas típicas entre outros. O são João realizado aqui na rainha da Borborema, passou ao logo desses 35 anos por várias transformações pelas quais o fizeram chegar ao patamar em que está.

Tudo começa no início dos anos 80, pra ser mais preciso no ano de 1983, e já naquele ano recebia o nome de “ Maior São João do mundo”, realizado em uma palhoça improvisada no local que mais tarde daria lugar ao grandioso Parque do Povo, ali apresentavam-se quadrilhas juninas, casamentos matutos e até mesmo desfiles de carroças de burro. O sucesso da festa despreziosa foi tamanho que em pouco menos de cinco anos o maior São João do mundo já fazia parte do calendário da EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo). Paralelo as festas que aconteciam no pailhoção, os campinenses amantes do forró já se divertiam no mês de Junho, nos clubes da cidade como o clube Campestre e o Forrock, este último, refere-se a uma casa de show que foi inaugurada já no ano de 1985, e ficou marcado com as apresentações de nomes como Luiz Gonzaga, Dominginhos Elba Ramalho entre outros.

A professora Clea Cordeiro,

diretora e idealizadora do “Memorial do Maior São João do Mundo” que visa levar ao público toda a trajetória da maior festa do Nordeste Brasileiro, conta como a festa acontecia nos seus primórdios: “antes de termos a festa da forma que acontece hoje em dia, a população já costumava comemorar os festejos nos clubes, eram no mínimo três grandes clubes aqui na cidade, por lá passavam inúmeras quadrilhas”. A professora conta ainda que coube ao então prefeito da época Ronaldo Cunha Lima, a tarefa de centralizar a festa, levando-a para um terreno baldio que ficou conhecido como “coqueiros de Jose Rodrigues”. Ou simplesmente “pailhoção”. Os relatos históricos que estão à disposição no Memorial, não dizem precisamente quantos dias a festa tenha durado no seu primeiro ano, mas afirma que logo em 1984 o Maior São João do Mundo já contava com 30 dias de festa. Mas foi mesmo no ano de 1986 que o São João de Campina Grande ganha seu principal monumento: o “parque do povo” trata-se de uma área com aproximadamente 42 mil e 500 metros quadrados que fica localizado no centro da cidade, como dito anteriormente, antes da construção do parque do povo, funcionava no local o famoso “coqueiros de Zé Rodrigues” uma previa do que viria a ser o maior São João do mundo. O início da construção do parque do povo, aconteceu na gestão do então prefeito Enivaldo Ribeiro, com continuidade na gestão seguinte de Ronaldo Cunha Lima. Coube ao arquiteto Carlos Alberto, a missão de transformar aquela área. Assim, logo surgiu a “pirâmide”, um espaço de área coberta, que tem essa forma geométrica. Segundo relatos encontrados no Memorial do Maior São João do mundo, a pirâmide teria sido construída para representar





## CRONOLOGIA DA FESTA

**1983** - A festa era realizada no Palhoção do Forró: inicia a consolidação do São João de Campina Grande como o maior de todo o país; A primeira festa junina no Palhoção do Forró, núcleo do futuro Parque do Povo e do Maior São João do Mundo, aconteceu em 1983. Houve 113 quadrilhas, casamento matuto, desfile de carroça. Quadrilhas destaques: a da Rua da Floresta e a Xote Menina. O sanfoneiro Sivuca é atração do Forró Entra e Sai do Campinense Clube. As vendas no período crescem 100%.

**1984** - A festa de São João de Campina é inscrita no Calendário da Embratur; Surge nessa época a Quadrilha Virgens da Seca, de homens vestidos de mulher. O cantor Capilé lança nesse ano o hino do Maior São do Mundo.

**1985** - Campina ingressa na era das grandes casas de show, com a inauguração do Forrock, com apresentações de Luiz Gonzaga, Dominginhos, Elba Ramalho e outros.

**1986** - É inaugurado o Parque do Povo, a grande área de lazer com destaque para a Pirâmide do Forró, batizada Forródro. Marinês retorna aos palcos campinenses no Forrock.

**1987** - É marcado pelo nascimento do filho de Elba Ramalho, Luan, em plena festa junina campinense. Zé Calixto, mestre da sanfona de oito baixos, recebe Medalha de Honra pelos 25 anos de carreira.

**1988** - O passeio "Forroviário" foi criado. Em junho desse ano, Luiz Gonzaga realizou o seu derradeiro show em Campina Grande.

**1989** - O comércio campinense atinge recordes de vendas. Com o aumento do fluxo de turistas são inaugurados novos hotéis na cidade.

**1991** - A cantora Marinês comemora os seus 40 anos de carreira na festa junina campinense;

**1992** - A festa de São João de Campina atinge consagração nacional, com a gravação de um clipe da cantora Elba Ramalho para o horário nobre do



**Fantástico da TV Globo. A Quadrilha Virgens da Seca aparece em quadro do programa da apresentadora Regina Casé. O Museu Luiz Gonzaga é instalado no Parque do Povo, nesse ano.**

**1993 - Acontece A Noite dos 8 Baixos, no palco do Parque do Povo, com a participação da família Calixto, com Zé e Geraldo Correia. Ainda nos anos 90 do século passado, o Parque do Povo recebe a infraestrutura básica que permanece até hoje, como a ampliação do Arraial Hilton Motta, que possibilitou a criação da cidade cenográfica com prédios históricos campinenses, a implantação da cidadezinha cenográfica Vila Nova da Rainha, dispondo artesanato, cantador de viola, cordelista.**

**O Sítio São João e as Ilhas de Forró, os locais de trio de forró-pé-de serra, são ampliações marcantes do “quartel general” da folia campinense daquela década. Os prefeitos de Campina Grande, sucessores dos fundadores do Maior São João do Mundo, fizeram modificações menores na estrutura da festa, no layout seu, nas atrações e acréscimos de alguns eventos.**

**2007 - O Sítio São João é desmembrado do Parque do Povo;**

**2009 - Realizada primeira grande obra de recuperação da Pirâmide do Parque do Povo, um dos locais populares mais encantadores da festa;**

**2010 - Este ano o Maior São João do Mundo tem uma das programações artísticas mais arrojadas, conciliando o forró tradicional e o forró banda.**

uma fogueira, e receberia o nome de “forrodromo”, com a ideia de referência ao “sambódromo” Paulista. No mesmo ano, a festa passa a contar com apresentações de shows, o que atrai cada vez mais um público maior para a cidade.

Sem os grandes restaurantes que hoje fazem parte de uma grande área do parque do povo, os comerciantes se organizavam em barracas, e podiam assim comercializar bebidas, comidas e afins juninos. Foi só em 1996 que as barracas passaram a serem padronizadas dando a festa uma estética melhor. Anos depois de sua inauguração, o parque do povo passaria a ser utilizados para vários eventos, que acontecem até hoje.

Com a festa já consolidada no calendário nacional, após seus primeiros anos de criação, o maior São João do mundo, passa a ganhar destaque na mídia, assim Campina Grande ganha maior visibilidade em todo país, esse fato cria de imediato um crescimento econômico bastante favorável para o período. De acordo com uma pesquisa realizada pela 6Sigma, R\$ 190 milhões movimentaram a economia da cidade no evento de 2017, a Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico, reafirma esses dados e acrescenta ainda, o bom momento no seguimento de serviços.

Ainda nos anos 90 o parque do povo passou por algumas reformas e ganha uma maior extensão, com isso o “quartel general do forró” como ficou conhecido o parque ao longo de todos esses anos de festejos, começava naquele momento a receber um público cada vez maior nos 30 dias de festa. Já no final da década de 90, surge a cidade cenográfica, intitulada de Vila Nova da Rainha, trata-se de um espaço no interior do parque do povo, com réplicas de prédios e monumentos históricos da cidade,



como Telegraphos, Cine Capitólio, Cassino El Dourado entre outros, as ornamentações ficam por conta do decorador José Sereco, que ano após ano empenha-se em dar nova cara à decoração, de acordo com os acontecimentos de cada temporada, a exemplo da Copa do Mundo de futebol, neste caso Sereco traz as cores da seleção Brasileira com maior predominância. Ainda em relação as reformas de extensão do parque do povo, o palco principal, pelo qual acontecem as atrações sicas é transferido para a parte inferior, logo depois da pirâmide, sobre essas mudanças a professora Clea conta um fato curioso que norteavam a opinião pública “ Nessa época em que o palco ficou em baixo, a parte de cima do Parque do Povo ficava com as barracas e restaurantes. Como o Parque do Povo tem uma área acidental, dividida pela pirâmide, a cidade acabou criando uma espécie de divisão de classes sociais. Muita gente brincava dizendo que a parte

de cima era para os ricos e a parte de baixo para os pobres”. A professora refere-se a essa época específica porque logo no ano de 2014, o palco voltou a ser instalado na parte superior com o acréscimo de camarotes e poucas barracas nessa área. A mudança mais recente do Quartel General do Forró, refere-se ao palco em formato 360°, de forma a reposicionar os camarotes e “área vip” que é um espaço próximo ao palco principal, cercado de forma que fique separado do restante do espaço, para ter acesso a essa área é preciso pagar um valor que varia a cada edição da festa.

Um dos pontos altos do Maior São João do mundo, é a programação musical, que conta sempre com novidades a cada ano, são artistas que se apresentam nos 30 dias da festa, dos mais variados seguimentos musicais. Pelos palcos do Maior São João do Mundo, já passaram nomes como: Zé Ramalho, Elba Ramalho, Fagner, Padre Fabio de Mello,

bandas do cenário atual como Aviões do Forró, Garota Safada etc.

As duas últimas edições, foram realizadas sob a gerência de uma empresa particular, a Aliança Comunicações. A prefeitura municipal já anunciou, que provavelmente as próximas festas acontecerão em outro local que ainda será construído, segundo o prefeito Romero Rodrigues, em entrevista concedida ao portal G1 Paraíba, “ a ideia é aumentar o espaço para garantir uma maior capacidade de público, considerando as proporções que o São João de Campina grande tenha chegado”.

Não foi por acaso que os festejos juninos se tornaram um marco na Rainha da Borborema, aqui o povo campinense, respira São João, a cada ano que passa uma nova expectativa, tiveram e há problemas a serem sanados não se pode negar, mas nada que tire o brilho e a alegria da maior festa do Nordeste brasileiro.

# HORAS VISTAS DO ALTO

por Berg Ramos

Os relógios públicos de templos e monumentos representam a relação que os poderes religiosos, políticos, sociais e econômicos mantêm com o tempo, da época de suas fundações até os dias de hoje. A ideia de fotografar os relógios existentes em Campina Grande surgiu da necessidade de registrar e documentar, em fotos, esses artefatos, o que dará oportunidade aos leitores de conhecer um pouco da história de Campina Grande a partir do olhar para esses elementos de cenário urbano por vezes esquecidos pelos habitantes da cidade.

Um fato curioso observado durante a

realização deste ensaio é que apenas dois relógios estão funcionando com a hora certa: os que estão localizados nas igrejas do Rosário e de São Francisco.

Nesta série, foram fotografadas as seguintes edificações: Paroquia Nossa Senhora da Conceição (Catedral), localizada no Centro; Igreja São Francisco de Assis, no bairro da Conceição; Igreja Nossa Senhora do Rosário, no bairro da Prata; Igreja da Catedral Evangélica Congregacional, situada no Centro; prédio dos Correios e Telégrafos, localizado também no Centro.



IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL DE CAMPINA GRANDE, Fundada em 1920, está localizada à Rua 13 de Maio, n 250 - Centro.



**PARÓQUIA DE NOSSA  
SENHORA DO ROSÁRIO**  
Fundada em 1940, está localizada à Rua Nilo  
Peçanha, S/N, Prata, Campina Grande -PB.



**CORREIOS e TELÉGRAFOS** - Praça da Bandeira, 71  
Centro, Campina Grande - PB

**PARÓQUIA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS**  
Fundada em 1952, está localizada à Rua São Francisco de  
Assis, 195, Conceição, Campina Grande - PB





**CATEDREAL DIOCESANA  
NOSSA SENHORA DA CONCEI-  
ÇÃO**

**Fundada em 1976, está localizada  
na Av. Marechal Floriano Peixoto,  
S/N, Centro, Campina Grande - PB**



# A ARTE DE FAZER O BEM



O projeto atende as crianças de sete a treze anos em

por Tássia Gomes

*O Tamanquinho das Artes proporciona as crianças um contato direto com a cultura e quem tem o prazer de conhecer o projeto de perto se encanta com a alegria transmitida e o carinho com que os profissionais se dedicam para ensinar o melhor aos seus alunos*

No centro da cidade de Campina Grande, precisamente no coração da feira central, na Capela de Santa Madalena, é possível encontrar esperança e amor em meio ao caos vivido por dezenas de crianças que vivem à mercê da violência, drogas e maus tratos nas ruas da cidade. Graças ao projeto sócio pedagógico Tamanquinho das Artes, criado pelo Ministério do Trabalho em parceria com a professora Eneida Maracajá (idealizadora e coordenadora junto com a Paroquia da Catedral

de Nossa Senhora da Conceição). O projeto atende as crianças de sete a treze anos em estado de vulnerabilidade social e tem como principal objetivo transmitir a cultura através de oficinas como flauta doce, artes plásticas, balé clássico, entre outras, mas com o fundamento de formar cidadãos pensantes, capazes de realizar sonhos e encontrar um sentido para a vida. “Eu não ensino só flauta, eu ensino um pouco de lição de vida, porque elas estão nesse projeto e que têm possibilidades



## estado de vulnerabilidade social

de evoluir mesmo vivendo em um meio carente. Aqui nós ensinamos cidadania e educação” disse a professora de Flauta Doce, Luiza Bortoluzi. O Tamanquinho das Artes proporciona as crianças um contato direto com a cultura e quem tem o prazer de conhecer o projeto de perto se encanta com a alegria transmitida e o carinho com que os profissionais se dedicam para ensinar o melhor aos seus alunos. “Trabalhar com criança é um pouco diferente de trabalhar com adulto, pois requer

mais paciência, sensibilidade, principalmente as crianças que nós atendemos aqui que vem de um meio sócio econômico carente. Muitas dessas crianças nunca foram ao teatro, ao cinema, ou seja, o primeiro contato com a cultura foi aqui no projeto”, Luiza Bortoluzi.

Para o professor de Artes plásticas, Josafá e Orós, agregar a educação a cultura é indispensável para a formação do cidadão, “A educação sem a cultura é falha, uma escola, um lar que pretende

educar suas crianças sem a perspectiva da cultura é cria uma sociedade perdida e desorientada. Então, essa perspectiva que Tamanquinho das Artes elegeu de colocar dentro da perspectiva da educação a cultura expressa através das várias manifestações artísticas, como cinema, artes plásticas, teatro, da música, da dança, etc é uma forma importante de você descobrir um cidadão mais completo, com educação de outros sentidos e não só sentido da palavra”. Segundo a senhora Eliane, mãe do Josué de 12 anos e Genival de 14 anos, é possível perceber a mudança no comportamento de ambos, antes eles não queriam ir à escola e ficavam ociosos no período que estavam fora da sala de aula, “Esse projeto é uma benção de Deus, meus filhos aprenderam muito aqui e eu descobri talentos neles que não sabia que existia. Fico muito emocionada e orgulhosa quando os vejo se apresentar. Hoje meus filhos não querem faltar a escola e se dedicam bem mais” disse a mãe dos alunos. Atualmente, ambos tocam Flauta Doce no projeto e pretendem seguir a carreira de músico. Mas a gratificação maior é saber que o Tamanquinho despertou sonhos nessas crianças e que elas sabem que podem alcançar. É o caso Sandriely, de 12 anos que antes de participar do projeto não tinha perspectiva em relação ao futuro e hoje pretende ser tornar bailarina profissional.

L4yOUT

Arquitetura e Urbanismo